

5025

S. NEWTON DA SILVA

A GRANDE FAUNA SELVAGEM  
DE ANGOLA

pp 1-151

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO PROVINCIAL  
DOS SERVIÇOS DE VETERINARIA

1 9 7 0

Ordem PERISSODACTYLA

Família RHINOCEROTIDAE

DICEROS BICORNIS Lineu

Português: *Rinoceronte preto* — Inglês: *Black Rhinoceros*,  
Francês: *Rhinocéros noir* — Afrikaans: *Swartrenoster*

*Nomes nativos:*

Umbundu: *Ocimanda* (Statham, Monard)

Quioco: *Kaloko* (Statham), *Kevukevu* (Monard)

Ganguela: *Mpanda* (Monard)

Cuvale: *Ompala*, *Ompanda* (autor)

Herero (Ximba): *Ongáva* (autor)

Ambó (Ovamboland): *Ongáva*, *Ompanda* (Shortridge)

Cuangári, Diríco: *Simpanda* (Shortridge)

Mambakushu (Mucusso): *Fumé* (Statham, Shortridge)

!O! Kung Bushman (Cuancála): // *Xei!* (Bleek)

Os rinocerontes, únicos representantes vivos, com os tapires e os equídeos, da ordem dos perissodáctilos, ou unglados em número ímpar, são os descendentes de uma longa linha evolutiva que, desde os remotos hiracodontes dos princípios da era terciária, e passando pelo gigantesco *Balluchiterium*, com mais de cinco metros de altura na espádua, e pelo rinoceronte-lanífero que habitou a Europa e as estepes siberianas durante o período glacial, terminou nas quatro formas existentes: duas asiáticas, *Rhinoceros* e *Didermoceros*, e duas africanas, *Diceros* e *Ceratotherium*.

O primeiro é o rinoceronte unicórnio e engloba duas espécies: *Rhinoceros unicornis*, da Índia, e *Rhinocerus sondaicus*, de Java; o

segundo, bicórnio, compreende uma única espécie, *Didermoceros samatrensis*, e encontra-se principalmente na ilha de Samatra, mas também, embora em número muito reduzido, na Birmânia, Tailândia e Malásia, e ainda, possivelmente, na Índia, Paquistão Oriental, Cambodja, Laos, Vietnam e Kalimantan. Quanto aos dois gêneros africanos, são ambos bicórnios e alguns exemplares, muito raros, que por vezes têm sido encontrados, de rinocerontes africanos aparentemente unicórnios, representam apenas casos isolados e acidentais de atrofia do chifre posterior.

Os rinocerontes são, a seguir aos elefantes, os mamíferos terrestres de maior corpulência, mas esta não é igual em todas as espécies. As maiores são o rinoceronte branco e o rinoceronte unicórnio da Índia, que chegam a ultrapassar quatro metros de comprimento total, com 1,80 mts. de altura na espádua e um peso que pode aproximar-se das quatro toneladas. Seguem-se-lhes o rinoceronte preto e o rinoceronte de Samatra que é o anão do grupo.

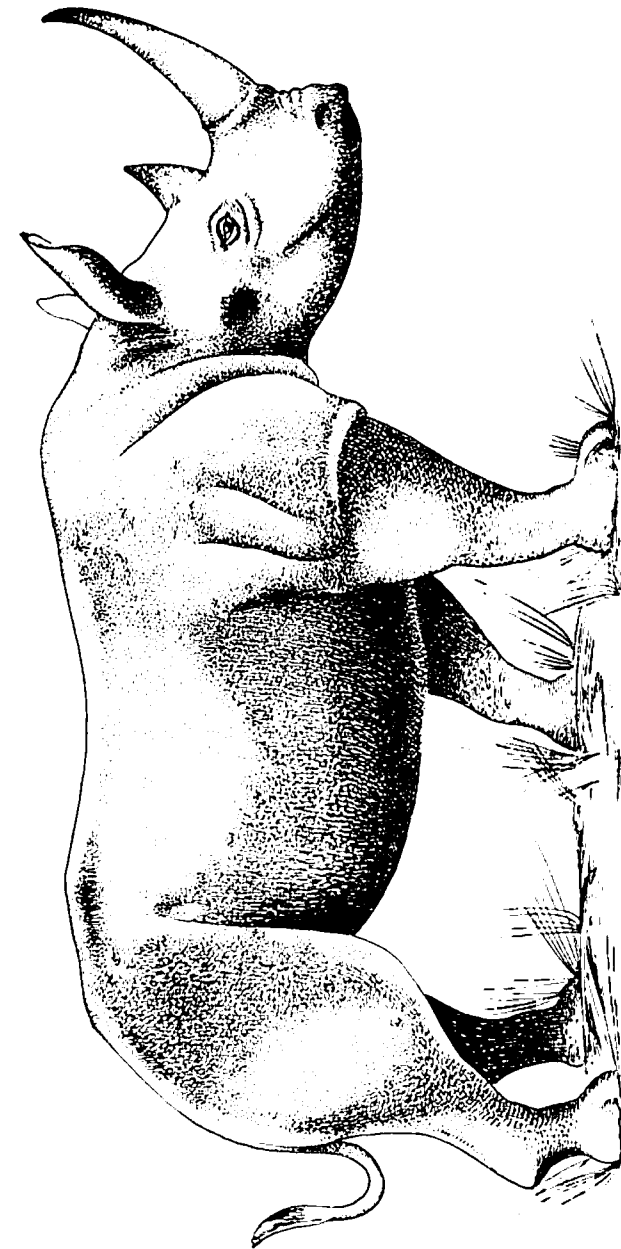
A característica comum de todos os membros da família é a existência sobre a maxila superior de um ou dois chifres, não constituídos por matéria córnea, como os dos bovídeos, mas que são apenas uma excrescência da pele e formados por um tecido fibroso muito rijo, resultante da aglutinação de pêlos. Tais chifres, ao contrário dos dos bovídeos, não envolvem quaisquer prolongamentos ósseos do crânio. São apenas sustentados pela própria pele de que se originam e na sua base, ligeiramente cavada, repousam sobre saliências convexas dos ossos nasais, às quais perfeitamente se ajustam mas sem que a elas se encontrem ligados.

Muito embora os chifres dos rinocerontes constituam armas poderosíssimas, capazes de infligirem golpes tremendos, accionados pela extraordinária força desses animais, sucede que os ligamentos que os unem à pele não resistem, por vezes, à brutalidade de tais golpes. Há muitos casos averiguados de rinocerontes que perderam o chifre anterior, mas o mesmo, exactamente porque é de origem dérmica, volta outra vez a nascer.

O género *Diceros* é representado pelo rinoceronte preto, ao qual os ingleses dão também o nome de «hook-lipped», beicho-de-gancho, à fé do seu lábio superior provido de um prolongamento digitiforme muito semelhante ao que se vê no proboscis dos elefantes.

O género *Ceratotherium* engloba os rinocerontes brancos ou «square-mouthed», de boca-quadrada, como também por vezes são chamados em atenção à conformação achatada e rectilínea da boca, de lábios direitos e sem qualquer prolongamento digitiforme.

A diferença dos hábitos alimentares das duas espécies explica a que se verifica na conformação dos lábios: o rinoceronte branco é um



herbívoro que pasta como os bois e os cavalos, ao passo que o rinoceronte preto é um folhívoro, um «browser», como dizem os ingleses, isto é, um animal que se alimenta sobretudo de folhas e de rebentos de arbustos, para cuja colheita lhe é de grande utilidade o prolongamento do lábio superior.

As designações «rinoceronte preto» e «rinoceronte branco» são arbitrárias e enganadoras, dado que nem um é preto nem o outro branco, mas ambos cinzentos, muito ligeiramente e por vezes quase indistintamente mais claro o segundo do que o primeiro. Esta diferença de nomes, baseada numa pretensa e extrema diferença de coloração, parece dever-se apenas ao facto de os primeiros caçadores que abateram exemplares do género *Ceratotherium* e lhes acharam uma cor mais clara do que a dos indivíduos do género *Diceros*, não terem reparado que isso era tão somente devido a uma fina camada de lama seca distribuída por todo o corpo dos animais e proveniente dos charcos onde costumam banhar-se. Nós próprio já tivemos ocasião de observar um rinoceronte «preto» que, pela mesma razão, apresentava uma cor alvadía, quase de branco-sujo.

O rinoceronte preto é uma espécie ainda largamente espalhada por quase toda a África Negra mas em número agora bastante reduzido, o que se deve à caça intensiva de que foi objecto durante longos anos para obtenção dos chifres, aos quais alguns povos do Extremo Oriente atribuem certas propriedades estimulantes e pagam, por isso, a preços elevados.

Como escrevemos num trabalho anterior, «o maior representante da ordem dos perissodáctilos (pomos de lado o rinoceronte branco cuja sobrevivência em Angola temos por mais que duvidosa) pode considerar-se hoje senão um animal de extrema raridade, pelo menos muito pouco abundante. O que sucede entre nós, quanto a esta espécie, repete-se em todos os restantes territórios em cujas faunas se encontra ainda representado e, de há muito, a sua caça foi ou totalmente proibida ou pelo menos severamente restringida. Dekeyser, fazendo o desolador inventário da existência da espécie em todo o vasto conjunto de colónias e territórios compreendidos na África Equatorial Francesa, cita as opiniões de Bigourdan, Prunier e Barth que atribuem a sua rarefacção não apenas à perseguição que lhe tem sido movida desde o início da ocupação europeia, mas também a factores particulares dos quais só é possível conjecturar-se a natureza patológica ou evolutiva. E conclui: «Os rinocerontes são talvez os representantes de um *phylum* chegado ao extremo limite da sua evolução e cujo destino é extinguir-se, faça-se o que se fizer». A forma, quase explosiva, pela qual os rinocerontes se têm reproduzido em reservas eficazmente protegidas, autorizam a desmentir esta opinião.

Segundo a última ficha (Janeiro 1966), relativa a esta espécie, do «Red Data Book» da União Internacional para a Conservação da Natureza,

o número total de rinocerontes pretos, em todo o Continente, deve andar por 11 000 a 13 500, registando-se as maiores populações no Quênia (2 500) e na Tanzânia (3 000 a 4 000).

Em Angola, a espécie encontra-se apenas no Sul, julgando nós que se lhe possa atribuir como limite setentrional o paralelo de 15°. A distribuição dentro dessa enorme área é, no entanto, bastante fragmentada e os diversos núcleos de povoamento encontram-se, nalguns casos, separados por centenas de quilómetros de distância.

O núcleo provavelmente melhor conhecido, se não o de maior população, é o do Distrito de Moçamedes onde a área habitada pelo rinoceronte preto pode delimitar-se *grosso modo* da seguinte forma: ao norte, partindo da Ponta do Hoque, na Chela, a estrada carreteira que segue em direcção ao Hápa, e a Serra da Huímbe até ao morro Cuanhangue; a oeste, uma linha irregular que partindo do Cuanhangue, em direcção ao sul, passa pelo Virei, Caporopôpo, Pediva, Muende, Iona e Cambeno, até atingir o Cunene; ao sul o curso deste rio e a leste o limite do distrito. Este núcleo moçamedense prolonga-se, no extremo sul, e numa estreita faixa, pelo Distrito da Huila, até ao Chitado.

O Coronel Statham, em «With my Wife across Africa» (1924) diz ter visto rastos de rinocerontes entre o Lubango e o Cunene, e ao longo deste rio e do seu tributário Chitanda. Statham, que viajava de carro boer, partiu de Sá da Bandeira, via Quipungo, atingindo o Cunene no Capelongo. A dar crédito à sua afirmação, e é difícil duvidar de observador tão idóneo e conhecedor da fauna, existiram rinocerontes na zona hoje abrangida, em parte, pelo Parque Nacional do Bikuári, mas pode afirmar-se, com inteira segurança, que hoje em dia já ali não subsistem, o que justifica e torna mesmo urgente a sua reintrodução. Do Capelongo, Statham dirigiu-se ao Cubango, passando pela região de Cas-singa, mas nessa travessia não viu quaisquer rastos, afirmando, no entanto, que a espécie era conhecida nas regiões do Dongo e do Cúchi, onde supomos se encontra também agora extinta.

Entre o Cunene e o Cubango houve de certeza rinocerontes na Reserva da Mupa, até há alguns anos atrás, mas a sua sobrevivência nessa área começa a ser igualmente objecto de sérias dúvidas. Além Cubango, sabe-se hoje, graças à exploração das coutadas de caça ali instaladas, existirem diversos núcleos de rinocerontes pretos, embora pouco densos, o que aconselhou, recentemente, a total proibição do seu abate, extensiva a todo o resto da Província.

O rinoceronte preto chega a atingir um comprimento total de 3,60 mts. e uma altura na espádua de mais de 1,60 mts. Quanto ao seu peso variam bastante as opiniões, mas de uma forma geral crê-se que

possa ultrapassar as duas toneladas. O tamanho dos chifres, dos quais, como nos restantes bicórnios, o anterior é sempre muito mais desenvolvido do que o posterior, varia consideravelmente de indivíduo para indivíduo. Um chifre anterior com grande desenvolvimento não é sinal infalível de muita idade, e é frequente encontrarem-se fêmeas com chifres maiores do que a média de muitos machos. O «record» da espécie, registado por Rowland Ward (10.<sup>a</sup> ed. — 1933) é o de uma fêmea, medindo 136 cm.

O rinoceronte preto tem bem desenvolvidos os sentidos do ouvido e do olfacto, mas em contrapartida a vista é muito fraca o que, tornando-o suspeito e desconfiado, mais deve contribuir para acirrar o seu ânimo naturalmente agressivo.

Três peculiaridades desta espécie julgamos de interesse referir: o hábito, a que nunca falha, de dispersar com os pés os próprios dejectos; o facto de incluir na sua alimentação os rebentos da eufórbia-candelabro (*Euphorbia conspiciua*) de suco cáustico e a circunstância de, ao ser mortalmente atingido, cair muitas vezes de borco, ficando assente sobre a barriga com a cabeça apoiada nos membros anteriores dobrados pelos joelhos.

O período de gestação do rinoceronte preto nunca pôde ser rigorosamente determinado. Guggisberg, um dos melhores conhecedores dos rinocerontes e dos seus hábitos, aceita como bom o cálculo de Maurice Burton que situa tal período entre 485-548 dias. Por cada parto, normalmente, só nasce uma cria que se julga seja amamentada pelo menos durante dois anos.

A longevidade da espécie tem sido também muito discutida. Até há alguns anos atrás pensava-se que não deveria exceder 25 a 30 anos, mas Guggisberg, fundado em observações efectuadas na Reserva de Amboseli, no Quênia, julga que pode estender-se a 50 e mesmo a 60 anos.

Tem sido muito exagerada a agressividade natural do rinoceronte preto. É sem dúvida um bicho normalmente muito mais mal disposto e propenso a atacar do que o seu congénere branco, mas daí a considerá-lo, como fazem alguns caçadores, um maníaco assassino, vai um grande passo. Pois se até houve quem chegasse a escrever que a «fúria permanente» do rinoceronte preto só se explicava admitindo que tenha vermes que lhe roem o cérebro!

A realidade é muito outra: sem dúvida o rinoceronte preto é um animal de certo modo perigoso e, vendo pouco, dispõe-se facilmente a atacar qualquer suposto inimigo, que ouve ou cheira, mas não distingue. Assusta-se com facilidade, exactamente porque vê mal, mas no fundo é um tímido: só quer que o deixem em paz. Alguns grandes caçadores

porta ainda uma muito vaga possibilidade de ela vir a ser redescoberta e por isso daremos quantas indicações conhecemos sobre o assunto.

Shortridge diz que, tanto no sudeste de Angola como na zona vizinha do Caprivi Strip, ainda se não apagou da linguagem gentílica a designação particular dada ao rinoceronte branco para o distinguir do seu congénere preto. São ainda de Shortridge as seguintes cotas relativas à existência pretérita da espécie em Angola:

«Segundo Zukowsky, e conforme afirmado por Mattenklodt em 1906, o rinoceronte branco é muito raro na Luíana, na mata de Tchombe».

«Segundo Schulz e Hammer (The New Africa, Londres, 1877) o rinoceronte branco era abundante nessa região cerca de 1870».

«O rinoceronte branco existiu antigamente em ambas as margens do Cubango, e é possível que alguns sobrevivam ainda ao longo do Cuando. Não existem registos recentes. Wilhelm».

De um livro por nós publicado há alguns anos atrás, transcrevemos a seguinte passagem para completo esclarecimento do problema do rinoceronte branco em Angola:

«O Coronel J. B. Statham que, acompanhado da esposa, realizou, há mais de trinta anos, uma aventureira e difícil travessia de Angola, desde Moçâmedes à Luíana, numa época em que não havia jipes nem sequer caminhos que pudessem ser transitados pelos automóveis de então, escreveu, a respeito do rinoceronte branco o seguinte: «Segundo os relatos de Andersson, Galton, Baldwin e muitos outros, este grande rinoceronte, de longos chifres e de boca quadrada, deve ter sido outrora muito comum no Sudoeste Africano, mas uma caça persistente e talvez a *rinderpest* exterminaram-no. Pode ser que alguns destes rinocerontes existam ainda nas regiões de matas rasteiras da costa ocidental de Angola (sic), através das quais passámos, mas nenhuns exemplares têm aí sido obtidos desde há muitos anos atrás, nem os indígenas se mostravam conhecedores do animal até que atingimos o Baixo Cubango, o Loengi e o Cuando, onde os mambakushu e os *bastard bushmen* já mostravam saber do que se tratava. O chefe Likome, do Loengi, disse-me ter morto alguns, o último dos quais pelo menos doze anos antes, e que lhes davam o nome de *gava*, distinguindo-os bem da variedade preta conhecida pelo nome de *fumé*. Encontravam-se antigamente no Loengi, no Cuando, entre este rio e o Cubango e para sul e sudeste deste último. Schulz e Hammer encontraram vestígios deste rinoceronte no Baixo Cuando (a sul da confluência do Loengi) em 1884. Embora tendo procurado persistentemente o rinoceronte branco não encontrei qualquer vestígio d'ele».

«O Dr. Luís Simões, médico do Quadro de Saúde de Angola, experimentado caçador e certamente um dos homens que melhor conhecem



RINOCERONTE BRANCO — *Ceratotherium simum* Foto J. A. S.

de outros tempos, como, por exemplo, Selous, Neumann e Stigand, consideravam-no muito fácil de matar e achavam que a sua caça pouco tinha de perigosa ou emocionante.

Proibido, quase por toda a parte, o seu abate, e generalizado o movimento para a sua preservação, os únicos rinocerontes que hoje em dia ainda têm de se haver com o bicho homem, são os capturados para efeito de transferências e repovoamentos. A técnica empregada é exclusivamente a da imobilização por meio de drogas, actualmente muito aperfeiçoada e dando garantias de absoluta segurança para a vida dos animais.

Os rinocerontes pretos de Angola pertencem à forma típica *D. b. bicornis*, como os de todas as restantes regiões de África que também habita, à excepção dos do norte do Quênia e das Somálias que em atenção a determinadas características especiais, sobretudo à crista occipital menos elevada, os naturalistas classificam numa subespécie à parte a que deram o nome de *somaliensis*.

#### CERATOTHERIUM SIMUM Burchell

Português: *Rinoceronte branco* — Inglês: *White Rhinoceros*, *Square-mouthed Rhinoceros* — Francês: *Rhinocéros blanc* — Afrikaans — *Witrenoster*.

*Nomes nativos:*

No Loengi: *Gava* (Statham)

Do rinoceronte branco encontram-se descritas duas subespécies: a meridional, *C. s. simum*, que é a forma típica, e a setentrional, *C. s. cottoni*, descoberta muito mais tarde do que a primeira, que difere daquela pelo perfil mais plano da linha superior do crânio e pelo menor tamanho dos dentes, diferenças a que alguns naturalistas não reconhecem valor taxinómico pelo que continuam a considerar o género monoespecífico.

Bigalke, citado pelo «Red Data Book», diz que «segundo relatos dos primeiros caçadores e viajantes, pode ter-se como certo que o rinoceronte branco meridional tinha, antigamente, uma larga distribuição no sul da África. Encontrava-se na região que é actualmente o sul de Angola, em parte do Sudoeste Africano, na Bechuanalândia, Rodésia do Sul, Transval e Zululândia, e em pelo menos uma parte da África Oriental Portuguesa».

Quanto à forma setentrional, separada da primeira por milhares de quilómetros de distância, diz-nos também o «Red Data Book» que a sua área de distribuição se estendia desde as províncias sudanesas de Bahr-el-Gazal e Equatoria, para oeste até ao Tchad e para sul até à Uganda e à província Oriental do ex-Congo Belga.

Com excepção do Sudão, onde a espécie parece gozar de inteira protecção e florescer, em todas as outras regiões do norte do Continente os seus efectivos têm sofrido uma drástica redução.

Pelo que respeita à forma meridional, a acção exterminadora do homem quase a ia fazendo desaparecer por completo, e conseguiu-o em muitas das regiões da sua primitiva área de distribuição. Em anos ainda não muito recuados, os últimos exemplares do rinoceronte branco típico apenas sobreviviam na Zululândia, nas reservas da Província do Natal, e, mesmo aí, em número bastante reduzido.

Umfolosi e Hluluwe são as duas reservas do Natal às quais se deve a sobrevivência deste rinoceronte e o repovoamento de muitas das áreas que ele habitava antes de aí ter sido dizimado até ao ponto do extermínio total.

Em franco declínio mesmo na Zululândia, último reduto da espécie, nas primeiras décadas deste século, deveram a sua salvação ao grande caçador e naturalista Vaughan-Kirby que, em 1922, lançou um grito de alarme e promoveu uma campanha para a sua preservação, tendo conseguido despertar a atenção e o interesse tanto oficial como particular. Da sua acção resultou a adopção de todas as medidas adequadas à perfeita salvaguarda da espécie; dez anos depois a população de rinocerontes brancos tinha subido para 180 e em 1948 já ascendia a 550 indivíduos.

Em 1966 calculava-se existirem 800 rinocerontes brancos nas duas reservas, mas até essa data já dali haviam saído, cedidos para outros parques e reservas e para jardins zoológicos, nada menos de 393. De então para cá têm continuado as cedências, entre as quais os exemplares oferecidos a Moçambique e a Angola e, ao que consta, e apesar disso, a população das referidas reservas continua a manter o mesmo nível numérico.

A sobrevivência do rinoceronte branco nas zonas angolanas em que efectivamente já existiu, é hoje bastante duvidosa e se, sem hesitação, o incluímos no quadro da nossa grande fauna é em grande parte atendendo à sua recente reintrodução, graças aos dez exemplares recebidos do Natal e largados no Parque Nacional da Quiçama. No entanto, e apesar de, como acima dizemos, ser duvidosa a sobrevivência da espécie nas regiões do sudeste da Província que já habitou, essa mesma dúvida com-

as paragens ignotas do sudeste da Província, onde passou largos anos em constantes viagens, já por mais de uma vez, em artigos publicados na revista «Diana» evidenciou as maiores dúvidas quanto à sobrevivência do rinoceronte de Burchell e tudo leva a crer, realmente, que haja de considerar-se definitivo o desaparecimento da espécie em território angolano».

O nome *gava* indicado por Statham é, evidentemente, o mesmo que *ongava* dado pelos cuanhamas e pelos ximbas ao rinoceronte preto, o que pode deixar lugar a dúvidas quanto à exactidão daquela designação. No entanto, observa-se que Shortridge vem, de certo modo, em apoio de Statham, quando informa que em dialecto mambakushu o nome do rinoceronte preto é *fumé*.

Ainda recentemente ouvimos afirmar que numa das coutadas do sudeste haviam sido observados exemplares do rinoceronte de Burchell, mas a afirmação, desacompanhada de qualquer prova irrefutável, não pode ser tomada em consideração. Já há alguns anos um conhecido caçador estrangeiro que visitou muitas vezes Angola deu origem a um grande alarido na imprensa porque tinha descoberto... pegadas de rinoceronte branco!

Posta de lado a hipótese — perfeitamente inadmissível — de se abater qualquer exemplar para prova cabal e definitiva, a mesma só poderá ser feita por meio de fotografias mostrando, com todo o detalhe e absoluta nitidez, as características próprias da espécie, que a distinguem do rinoceronte preto, nomeadamente a boca quadrada, de lábios rectilíneos, sem prolongamento digitiforme, a base do chifre anterior direita e não redonda como em *Diceros bicornis*, o grande volume da cabeça e a espécie de giba, constituída por músculos e tecido epidérmico, sobre a nuca. E ainda assim, e de um ponto de vista científico, será indispensável que quem apresente tais fotografias possa oferecer também a prova irrefutável de terem sido tiradas em território angolano.

Pensamos que só uma prospecção sistemática levada a cabo sob a orientação e responsabilidade da Repartição da Fauna ou do Instituto de Investigação Científica poderia chegar a qualquer conclusão segura e válida sobre a sobrevivência ou não sobrevivência do rinoceronte branco na nossa Província, como espécie autóctone, mas em face do muito provável resultado negativo pensamos também que uma tal prospecção, decerto demorada e dispendiosa, de forma alguma se justificaria.

De concreto, e para já, temos os rinocerontes brancos vindos do Natal, que se espera venham a aclimatar-se bem no Parque Nacional da Quiçama e a constituir um dos seus grandes atractivos. Do maior inte-



esse seria igualmente a sua introdução no Bikuári, onde encontrariam excepcionais condições de adaptação.

#### Família EQUIDAE

Os taxinomistas ainda não chegaram a acordo quanto à nomenclatura sistemática dos equídeos africanos de pelagem listrada, ou sejam as zebras. Para muitos o género continua a ser apenas um, *Equus*, englobando os cavalos, os burros e as zebras, e nisto se encontram com a opinião de Gaylord Simpson que escreve:

«Os neozoologistas e alguns paleozoologistas têm tendido, ultimamente, para o desdobramento do género *Equus* em vários géneros distintos. Não pode haver dúvidas quanto à natural validade de grupos tais como *Asinus* e *Hippotigris*, mas penso que será mais acertado considerá-los como subgéneros. São todos estreitamente aparentados e basicamente muito semelhantes em estrutura, a despeito das marcantes diferenças apresentadas superficialmente pelo que respeita aos tipos de coloração. Além disto, mesmo entre as zebras mais completamente listradas e os cavalos de cor mais uniforme existem intergradações e espécies intermediárias».

Aqueles, porém, dos naturalistas que não aceitam esta opinião, adoptam para classificação das zebras os três seguintes géneros:

*Dolichohippus* — para a zebra de Grévy, da Abissínia e Somálias.

*Hippotigris* — para a zebra-das-montanhas.

Quagga — para as extintas quaggas do Cabo, só listradas na cabeça e quartos dianteiros, e para as bonte-quaggas ou zebras de Burchell.

Semelhantemente ao que se passa com os géneros, também têm sido discordes as opiniões dos sistematas quando à nomenclatura das espécies. Pocock, Shortridge e outros consideravam que a zebra de Burchell ou zebra-das-planícies era coespecífica da extinta quagga do Cabo e designavam-na, assim, por *Equus quagga burchelli* ou mesmo por *quagga quagga burchelli*. Dentro das novas tendências da taxinomia biológica, evidenciadas, por exemplo, na obra recente de Desmond Morris, o taxon actualmente adoptado é o de *Equus burchelli*, uma vez que recentes investigações e estudos comparativos entre os crânios das extintas quaggas do Cabo e das zebras de Burchell puseram ao relevo tratar-se sem dúvida de duas espécies perfeitamente diferenciadas.

Pelo que respeita às zebras-das-montanhas, incluídas durante muito tempo no género *Hippotigris*, a sistemática actual, fazendo-as regressar ao género *Equus* considera também que tanto a forma típica da África do Sul como as que habitam o Sudoeste Africano e Angola pertencem a uma mesma e única espécie para a qual foi posta de novo em uso a designação prioritária de *zebra* que lhe havia sido dada por Lineu. Assim, a forma típica é hoje designada por *Equus zebra zebra* e a subespécie do Sudoeste e de Angola por *Equus zebra hartmannae*.

As duas espécies, únicas existentes em Angola, são facilmente diferenciáveis:

*Zebra da planície* — Aspecto geral cavalari. Orelhas pequenas. Sem papada no pescoço. O listrado da pele prolonga-se pela barriga, chegando, nalgumas raças, a unir-se na linha média abdominal. Existência de linhas de sombreado nos espaços brancos, entre duas listas negras, sobretudo nos flancos.

*Zebra-da-montanha* — Aspecto geral asinino. Orelhas grandes. Papada no pescoço. A lista dorsal é muito estreita e ligada às listas transversais do corpo, que terminam sempre no começo do ventre. Na garupa mostra uma série de listas transversais cortando em ângulo recto a lista dorsal, e diminuindo de tamanho para a cauda, lembrando, pela sua disposição, as barras de uma grelha, donde o nome de zebra-de-grelha por que a espécie é também conhecida. Pêlo revêso, isto é, dirigido para a frente, na parte superior da garupa. Ausência de quaisquer linhas de sombreado nos espaços entre duas listas escuras.

Da «bonte-quagga», nome que os boers deram à zebra de Burchell, e que significa «quagga pintada», para a distinguirem da extinta quagga do Cabo apenas listrada na cabeça e quartos dianteiros, têm sido descritas numerosas subespécies ou raças diferentes. Pelo que respeita a Angola, julgamos que está ainda por fazer um estudo sistemático suficientemente aprofundado para que seja possível, com inteira segurança, atribuí-las a esta ou àquela raça. Ao ocupar-nos da espécie diremos, no entanto, quais as atribuições que encontrámos em literatura científica.

EQUUS BURCHELLI Gray

Português: *Zebra-da-planície*, *Zebra de Burchell* — Inglês: *Burchell's Zebra*, *Bontequagga* — Francês: *Zèbre de Burchell* — Afrikaans: *Bontkwagga*.

*The Lesser One-horned Rhinoceros in England.*—Happening to take up the volume on pachydermatous mammalia in the 'Naturalist's Library,' I was surprised to discover that the "Indian rhinoceros," of which two figures are therein supplied, is the lesser one-horned species, *R. sondaicus*, and not *R. indicus* as heretofore considered. This is at once shown by the fold at the base of the neck—in addition to that behind the shoulders—being continued across, which is never the case with the larger *R. indicus*, and also by the uniformity of size of the small tubercles which stud the body, shoulders and haunches. The dimensions of the adult animal equally prove the correctness of this identification: "height from the highest part of the back 4 ft. 8 in.," &c. The specimen was "a male, and was brought from Bengal, having been for some time kept in the gardens of the Governor-General at Calcutta," i. e. in Barrackpore Park. It is now ascertained to be the species which inhabits the Bengal Sundarbans. "He has been sixteen months in Britain," it is added, "during which time he has visited London, Glasgow and Edinburgh, and is at present" (circa 1835) "the property of the proprietors of the Zoological Gardens at Liverpool. It is stated to be six years old, and to weigh two tons; is a beautiful specimen, and appears to be in the highest state of health." Upon a former occasion (*loc. cit.*) I showed that both the *R. javanicus* and the *R. sumatranus* of F. Cuvier are founded on native drawings of the latter species, which I prefer to call the Asiatic two-horned rhinoceros, and the other the lesser one-horned rhinoceros, now that we know that both of them have an extensive range on the mainland of S.E. Asia. What I here bring to notice is the fact that we have had *R. sondaicus* alive for many years in this country without anybody knowing it.

*Note on Cervus Alfredi, the new Indian Deer, at the Zoological Gardens.*—Your correspondent R. A., of Bangalore, pronounces authoritatively (p. 173) that "the *Cervus Alfredi* is no other than the common hog deer, *C. porcinus*, the 'dray' of Burma and the Malay coast." I beg to assure him that he is mistaken. Undoubtedly it is a species akin to the "para" of Eastern Bengal, "dray" or "durai" of Arakan and the Tenasserim provinces, which I know familiarly to be the true *porcinus*; but in the Zoological Gardens, Regent's Park, both species may now be seen, and their identification as the same is out of the question. One remarkable feature of *C. Alfredi* is the smallness of its ear-conch as compared either with *C. porcinus* or *C. axis*; and, moreover, this part is uniformly filled up with shortish hairs interiorly, not partly nude within, with the usual stripes of long hair seen in its immediate congeners. It is, moreover, different in shape from—not so broad as—that of the hog deer. The tail is like that of the axis deer, but shorter, and black instead of brown above; not bushy like that of the hog deer, as it holds it up when running. I may add that I never before heard of *C. porcinus* anywhere in the Malayan peninsula; but it is worthy of remark that the *C. axis*, or Indian spotted deer, is stated to have been introduced both in Province Wellesley and Sumatra, where it is not impossible that *C. Alfredi* may have been mistaken for it.—*From the 'Field.'*

*Otter in the Tame.*—A dog otter was shot last night in the River Tame, about a mile below this town. Length from nose to tip of tail 49 inches; girth 18½ inches.—*Egbert D. Hamel; Bole Hall, Tamworth, September 20, 1870.*

*Lesser Kestrel near York.*—I regret that I have not before answered the editor's summons to give some additional information about the lesser kestrel (*Tinnunculus*

*comitatus*) supposed to have been shot near York. The name of the gentleman who shot it and skinned it is Mr. Harrison, and the place it is stated to have been killed at is Greenhammerton, near York.—*J. H. Gurney, jun.; 2, Beta Place, Alpha Road, N.W.*

*Hen Harrier.*—On Monday a male hen harrier (*Falco cyaneus*) dashed into a net at Preston after a starting as decoy. Curiously enough, two harriers did the same thing at the above-named spot on the 8th of November, 1867, in a net belonging to the same person who caught this bird. The fact leads me to remark how constantly Nature repeats herself, and particularly in the matter of Ornithology, as I have often found to be the case.—*George Dawson Rowley; Chichester House, Brighton, August 24, 1870.—From the 'Field.'*

*Supposed Occurrence of Strix asio in Kent.*—Undeterred by the adverse opinions of our most distinguished ornithologists, I cannot help returning to the charge about the owl that I saw last spring, which I still believe to have been *Strix asio*. Certainly I made a mistake sufficient to raise doubts in any mind when I said it was eleven inches long, but I am now convinced it was only about eight inches long. I maintain that no argument can prove that *Strix otus* ever has several distinct white spots on its wings; whereas Linnæus describes *Strix asio* as possessed of "quinque maculis albis." Audubon's plate of *Strix asio* represents my bird exactly, even to the very attitude. As to the idea of its being the little owl, I know an eared from an earless owl: a long-eared owl may perhaps depress its ears like a hare, so as to appear almost like an earless owl; it cannot shorten them. One glance at a plate of the Scops eared or mottled owls will show what I mean by short ear-tufts.—*Clifton; Cobham, September 22, 1870.*

*Owl chased by Rooks.*—Late one evening in July, walking out towards Preston, I was surprised to see in a field on the opposite side of the road, and only a few yards from a low fence by the road-side, an owl (*Syrnium stridula*) flying towards me pursued by seven or eight rooks: on arriving at the hedge, the rooks gave up the pursuit, and joined a large flock which were sitting in the upper end of the field, whilst the owl took refuge in some elms bordering the side of the path I was walking on. I should much like to have seen more of the chase than the short view I got of it. The rooks were flying very fast and surrounding the owl.—*Alwin S. Bell; Weymouth, September 7, 1870.*

*Buff-coloured Redwing.*—Mr. Gatecombe records a buff-coloured redwing killed near Plymouth (Zool. S. S. 2139). I possess a similar variety, but having the buff colour pencilled with light gray markings, and, as in the Plymouth specimen, the red patch on the side of a paler shade. I shot it and two or three other redwings out of a small flock in the "Plantation" at Scarborough some fifteen years ago. Since then, with the exception of Mr. Gatecombe's bird, I have not heard of or seen any similar variety of this species. In the same case with the redwing is a fieldfare, the general plumage mottled with white, taken on Filey sands in the winter of 1866.—*Alwin S. Bell; Weymouth, September 7, 1870.*

*Black Redstart near Southampton.*—On the 27th of August a gentleman of Southampton shot a black redstart in this vicinity, and on the 29th another; a third was seen at the same time, but he could not obtain it. The first bird was spoiled by the shot, but the second has been preserved, and is now in the possession of the captor.—*T. H. Goatley; 4, Strand, Southampton, September 17, 1870.*

*Grayheaded Wagtail breeding near Gateshead.*—I have seen a good many notices in